

Educação do campo: escola na fronteira dos direitos

Rural education: school on the frontier of rights

ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna (organizadores) **Por uma Educação do Campo**. 5. ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

Resenhado por / *Reviewed by*: Roseline Martins Sabião ¹
Cílson César Fagiani ²

277

1 CREDENCIAIS DE AUTORIA

Miguel Gonzales Arroyo ganha destaque como professor na Universidade Federal de Minas (UFMG) em 1991, formou-se nessa instituição em 1970 em Ciências Sociais, tem mestrado em Ciência Política pela UFMG e doutorado em Educação na Stanford University nos Estados Unidos (1976), logo Pós-Doutorado na Universidade Complutense de Madrid em 1991.

Quanto a autora Mônica Castagna Molina formou-se em Educação do Campo e Mestrado em Educação, fez doutorado em Desenvolvimento Sustentável pela Universidade de Brasília e Pós-Doutorado em Educação na Universidade de Campinas, trabalha com a linha de pesquisa Educação Ambiental e Educação do Campo desde 2013.

Por fim, a autora Roseli Salete Caldart formada em Pedagogia pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões em 1982, possui mestrado em Educação pela Universidade Federal do Paraná em 1986 e doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 1999.

2 APRESENTAÇÃO DA OBRA

Três autores escreveram esse livro e verifica-se nessa produção contextos relacionados a

¹ Mestranda no Programa de Pós-graduação em Educação Básica da Universidade de Uberaba – UNIUBE campus Uberlândia. Graduada em Letras (UEMG). Pós-graduação em Letras - Especialista em Artes, Língua Portuguesa e Linguística (FIJ). Pós-graduação em Docência e Didática do Ensino Superior (FPM). Docente nos cursos de graduação Faculdade Patos de Minas. roselinemartins@yahoo.com.br

² Professor do Programa de Pós-graduação em Educação Básica da Universidade de Uberaba – UNIUBE campus Uberlândia. Pesquisador com apoio CNPq e FAPEMIG. Uberlândia - Minas Gerais – Brasil. cilsoncf@gmail.com

Recebido em 30/08/2020
Aprovado em 15/11/2020

vivência daqueles que movimentam uma educação do campo, popular e rica de conhecimentos. Para tanto, percebe-se a história desses sujeitos de direito que vivem no campo, estão em contato com a produção da terra e lutam por uma educação de qualidade.

A obra resenhada ressalta a construção do direito como parte integrante da vida do homem do campo, uma cultura vinculada ao trabalho manual, a produção agrícola e a vida árdua no campo, com isso busca-se promover um direito de acesso à educação para todos, respeitando os direitos daqueles que sobrevivem do cultivo da terra e revela sua experiência ligada a sua própria construção do trabalho diário.

O livro é composto por 6 capítulos intitulados e retrata a Conferência Nacional, Educação Básica e Movimento Social do Campo, características da Escola do Campo em Movimento e suas diretrizes e por fim Por Uma Educação do Campo, traçando a identidade em construção de um sujeito de direitos. Educação do Campo é um assunto amplo, por isso, percebe-se neste estudo, que além da pedagogia ser responsável pela formação do ser humano, acredita-se também ser responsável por acompanhar esse processo de humanização.

Dessa forma, na perspectiva de registrar uma escola que se encontra na fronteira dos direitos, a obra faz refletir sobre a intensa articulação entre escola e comunidade. Para tanto, um dos princípios identificados, integrou-se à evolução das condições necessárias que renovam uma Educação do Campo de qualidade, capaz de adicionar ao trabalho dos professores, atividades interdisciplinares, intensificadas nas relações da escola com a vida no campo e principalmente ligadas ao processo de humanização escolar.

Com efeito, entende-se a relação escola e realidade, cotidiano e ensino, como etapa e função social, numa perspectiva de transformação social, sem desigualdade e que desenvolva uma educação do campo sob novas formas de oralidade, pensamento crítico, organizar uma luta intelectual e cultural, respeitando as tradições das famílias, caracterizando um movimento social do campo, projetos ligados à cidadania e a sociedade, os quais possam acolher vários conhecimentos integrados à Educação Básica.

Quanto aos modos de produção de conhecimento que a escola do campo produz, verifica-se como é emergente desenvolver trabalhos mais colaborativos, atividades em grupo na escola, que proponham discussões de temas ligados a partir do próprio contexto do aluno, problemas ambientais, os grandes desafios enfrentados pela sociedade e não muito longe, a necessidade de respeitar que todos têm leituras diferentes e que todos podem fazer parte dessa didática proporcionada pelo professor, de forma participativa e conjunta.

Assim, a escola precisa propor dimensões diferentes, as quais devem ser transformadas a fim de adquirir as marcas da educação do campo, aproximando de uma escola plural, inclusiva,

que tenha um movimento de renovação pedagógica, não se preocupando com a educação para o mercado, mas sim, uma educação com a criação do movimento social, estudando e resgatando valores, ou seja, uma escola mais humanizada, que caracteriza um movimento socioeducativo, o qual desde criança ao adulto, novos cidadãos vão se constituindo, compartilhando experiências ligadas à terra, natureza e projetos sustentáveis.

Nesse contexto, o presente estudo discute a educação do campo, uma educação voltada para projetos populares, nacionais para o campo e não de forma expressiva culpar os costumes dos trabalhadores do campo, julgar sua cultura, educação, formas de tratamento e até mesmo como eles enfrentam os problemas, tais como pobreza, injustiça, atraso, baixa produtividade, entre outros.

Além disso, observa-se que a educação do campo nasceu das construções históricas culturais, teve vínculos com os grandes proprietários de terras, os coronéis, uma educação repressora, isto é, conceitos etnográficos contribuíram também nesse processo, um momento de desumanização, com marcas políticas e econômicas vindas do meio urbano. Para tanto, promover ação estratégica, o desenvolvimento e a cidadania de todos os sujeitos que vivem e trabalham no campo, pois é importante colaborar com a formação das crianças, jovens e adultos para o desenvolvimento sustentável regional e nacional.

Com isso, considera-se que no campo tem-se uma grande quantidade de saberes, a população rural registra sua vida como histórico-social, suas experiências cotidianas, o trabalhador do campo que luta pela igualdade de direitos e pelo direito de acesso à educação básica, valorizando suas tradições e respeitando as diferenças da comunidade.

É importante dizer, que a cidade não é mais importante que o meio rural, pelo contrário, estão ligados por questões políticas, econômicas e pela educação e vale lembrar que a educação é um direito social. Os autores deixam claro, que a escolaridade rural proporciona conhecimentos, cidadania e continuidade cultural.

Logo, a escola, ao ser levada para o campo, depara-se com a diversidade, sem dúvida então, a docência não pode ser a mesma, o currículo não dá para ser igual, as práticas pedagógicas precisam definir uma escola plural, pois, as culturas são heterogêneas, os sujeitos são diferenciados, possuem valores e aspirações próprias, por fim, não se pode esquecer que a educação do Campo possui uma dinâmica, a luta pela terra acelerou esse processo de sujeitos de direitos e a família popular confia na escola, por isso ela precisa ser humanizada.

3 APRECIÇÃO DA OBRA

A obra **Por Uma Educação do Campo** destaca uma educação motivada pela construção

do conhecimento, a partir da cultura de um povo que cuida da terra, que vive do sustento da terra, pois a terra produz gente e a escola produz gente. Na escola, é importante desenvolver atividades e projetos, a fim de entender a vida desse trabalhador do campo e respeitar as diversidades que os filhos desses produtores de terras representam. Com isso a educação do campo, semente universal de saberes e práticas, conseguirá representar uma escola na fronteira dos direitos, raiz de uma educação popular.

Desse modo, ressalta-se a educação do campo um ensino voltado para a valorização do campo, preservação da natureza, a representação do movimento social, uma pedagogia que vem dos gestos, a qual o professor possa enxergar além do que se pode ver. Considera ainda, bem significativo, desenvolver atividades na escola que registram o manejo da terra, os princípios de sustentabilidade e a participação efetiva da comunidade nos eventos da escola.

Por fim, no registro da identidade da educação do campo, é fundamental uma educação que reflita sobre as diversidades, a situação histórica particular de cada comunidade, o respeito ao coletivo, as diferentes idades que compõem este grupo seletivo de sujeitos mais conscientes. Para tanto, reconhecer que o campo não é um espaço atrasado, de ignorância e sem cultura, e sim um local que possui sua própria identidade e sua própria beleza.

4 INDICAÇÃO DA OBRA

Dado o exposto, o livro é indicado a todos os profissionais ligados a educação e também aos pesquisadores da educação do campo. Ressalta-se que a consciência dos direitos foi sempre o caminho para o desenvolvimento da educação básica. É pedido aos educadores uma dinamização da sociedade rural a partir da escola, uma ação pedagógica voltada para a humanização e que os professores possam acompanhar a dinâmica do campo, projetos interdisciplinares para a construção dos saberes. Por fim, o homem do campo tem seu rosto, sua história, sua diversidade de gênero, raça, idade e formação e deseja uma escola mais humanizada, plural e inclusiva.